

MICHEL LAUB

O tribunal da quinta-feira



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Michel Laub

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Raul Loureiro

Foto de capa

Tijolo laranja (série Shortcuts), Fabio Miguez, 2013. Óleo e cera sobre tela, 35 x 44 cm. Cortesia da Galeria Nara Roesler.

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Adriana Bairrada

Jane Pessoa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Laub, Michel

O tribunal da quinta-feira / Michel Laub— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2832-7

1. Ficção brasileira I. Título.

16-08024

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

UMA SIGLA

1.

Ter um corpo de quarenta e três anos não impede que se pense como alguém de quinze. Um amigo meu gosta de fazer piadas sobre merda. Ele manda um WhatsApp: interditei o vestiário. Preciso comer mais linhaça, ele diz. Linhaça é saúde, granola e frutas, o reino das polpas cheias de fibras que tornam consistente o produto das entranhas, um bolo de micro-organismos vivos dos quais só nos lembramos ao sentar no vaso. É muito deselegante começar falando disso? Também lembramos do que somos feitos quando pensamos na morte.

2.

Desculpem, mas preciso falar de algo deselegante. Uma lista, talvez, dos germes, bactérias, fungos, vermes e protozoários que estiveram e estão neste corpo de quarenta e três anos. Não tenho lembrança do que é ter icterícia, das gripes da infância. Aos seis anos, sarampo (um cobertor de lã, a voz baixa da minha mãe falando com o pediatra no telefone). Aos sete, operação de adenoides (desenhos de navios no consultório, uma farmácia cujo atendente tinha cara de peixe). Mais tarde, sinusite. Alergia a pólen. Uma catapora tardia aos trinta e um, coceira e prostração, uma semana esperando as bolhas ressecarem e a visita a um infectologista que fez um relato sobre os vírus mais contagiosos da natureza — o meu numa lista com dengue, rubéola, pólio e caxumba.

Doenças que nunca tive: coqueluche, malária. Associao bronquite ao mergulho na piscina gelada da Associação Atlética Oswaldo Cruz, São Paulo, 1988. Eu poderia seguir contando a história desta maneira, uma dermatite no couro cabeludo que aparece uma vez por ano, a labirintite que me faz ficar enjoado quando estou no banco de trás do carro. Tanto tempo depois eu

penso nos WhatsApps sobre digestão e excreção. O nome do meu amigo é Walter, e demorou para eu saber detalhes da vida particular dele. Para ele resolver, num dia como qualquer outro, contar aquela piada velha: o problema de tomar café é que dá vontade de fumar, e aí dá vontade de beber, e aí dá vontade de cheirar, e quando cheiro eu sempre acabo dando o cu.

Eu troco mensagens há anos com Walter — e-mails, chat. Nós almoçamos a cada uma ou duas semanas, e a conversa é como uma extensão dos textos, a correspondência dos anos 2000 que não é igual a uma troca de cartas no século XIX, não há formalismo nem gelo a quebrar porque estamos familiarizados com o humor um do outro, com o vocabulário e a gramática. Não é preciso perguntar, e então, meu caro, o que tem feito, nem dizer, há quanto tempo, meu caro, espero que esteja tudo bem com você e com os seus, porque naquele mesmo dia eu ouvi o apito do celular e lá estava o tom familiar de Walter por escrito, diretamente de casa ou do banheiro de um shopping, e se for melhor para a audiência eu posso me limitar a outros aspectos da biografia do meu amigo. Ele tem quarenta e três anos como eu. Ele é publicitário como eu. Posso falar da família dele, de onde ele nasceu e de como nos conhecemos, das pessoas que estiveram ao redor dele e ao meu redor nas últimas quatro décadas. Posso até falar de outros gostos dele, do prato que ele pedia nesses almoços, de como ele se posiciona sobre a situação política, econômica e moral do Brasil em 2016 se isso tiver alguma importância, mas no fundo o assunto não terá mudado.

3.

O assunto é o mesmo desde que uma farmácia de San Francisco, Califórnia, pendurou em sua vitrine fotos de torsos masculinos cheios de manchas roxas. Era 1981, e naquela vizinhança todo mundo praticava o que antigamente era chamado de inversão, pederastia, troca-troca, chuca. Todo tipo de refugiado ia para lá — garotos que escaparam do linchamento em cidades do Meio-Oeste, garotos expulsos de casa porque foram pegos mexendo no rímel da mãe, dentistas de meia-idade que largaram mulher e filhos em busca dos resquícios do sonho libertário dos anos 1960. Uma vez vi uma entrevista com um dos moradores locais, ele descrevia o que considerava a *guerra de uma geração*, o Vietnã de quem fez dezoito ou vinte quando a primeira daquelas fotos foi pendurada na farmácia, enquanto para Walter ainda demoraria dois anos: em 1983 ele estava em Bariri, a trezentos quilômetros de São Paulo, cidade com trinta mil habitantes em cujos arredores o pai dele tinha uma fazenda, quando Hélio Costa apareceu no *Fantástico* percorrendo hospitais e conversando com médicos e pacientes dos Estados Unidos. A reportagem usa-

va a sigla por extenso: a a-i-de-esse é a epidemia mais violenta do século. A ciência enfrenta um de seus maiores desafios. Quinze países notificaram casos. Há crianças infectadas. Setenta e cinco por cento dos atingidos morrerão em pouco tempo, os dias finais com episódios alternados ou simultâneos de tuberculose, encefalite, meningite, pneumonia, toxoplasmose, herpes-zóster, citomegalovírus e sarcoma de Kaposi.

Uma lista de como o mundo seria se tivesse continuado como no dia anterior a isso tudo: duas ou três gerações vivas, quantos engenheiros, bancários, cientistas, contadores, quantos livros e filmes e discos, e teatro e concertos e circo e dança, quantas ideias e sonhos e dinheiro poupado e famílias que não foram destruídas. As imagens que a TV mostrava, 1981: o atentado ao papa João Paulo II, o general Figueiredo montando a cavalo antes de uma ponte de safena em Cleveland, um gol de Zico e ninguém nas arquibancadas do Maracanã avisado sobre o que nem Hélio Costa sabia ainda. Um dia amanhecendo em Bariri, 1983: uma cidade como qualquer outra do interior. A quermesse e o coreto. O prefeito, o louco oficial, o travesti que tinha as bochechas deformadas de silicone. Uma vez os amigos de Walter beberam e foram procurar o travesti. A casa dele era conhecida. Ele abria a porta para quem aparecesse, oferecia um conhaque e sabia quem eram aqueles meninos, a família de cada um, quem era o filho do médico, do delegado e do industrial. O piso da sala era de cimento. Havia uma imagem da Irmã Dulce e um aparelho de som. Walter viu os amigos mexendo nos discos, botando uma música de Cyndi Lauper, aplaudindo quando o travesti fez sua dança imitando a cantora, e então ele tirou a camisa, depois o sutiã, e quando ele abaixou a calcinha os amigos o seguraram e bateram nele com um pedaço de madeira. Eles repetiram os golpes na altura dos quadris e dos rins, e o travesti ganiu como um animal na chuva, e como teria sido se Walter não tivesse

assistido àquela cena e às cenas dos dias seguintes, os amigos rindo e contando vantagem sobre quem tinha dado mais pauladas na bicha velha? Vocês viram como a bicha velha chorava? As lágrimas borrando a maquiagem? Walter se mudou para São Paulo também por causa disso, e as visitas a Bariri se tornaram raras, o pai se dando conta de que o filho não voltaria para ser fazendeiro nem traria uma noiva para ganhar bênção, e como teria sido se Walter não fizesse faculdade, esta é a capital dos imigrantes, doze milhões de habitantes e tantas oportunidades para quem tem braços e juventude, e a história dele não tivesse se tornado parecida com a minha?

4.

Para mim começa um pouco mais tarde. Meu nome é José Victor, nasci em São Paulo e aos quinze anos fazia natação na Associação Atlética Oswaldo Cruz. Era 1988, setembro ou outubro, lembro da cor opaca dos azulejos e das pegadas de barro depois da chuva. A água tinha gosto de gelo. Havia limo nas frestas da laje. Eu estava com dois amigos, e um deles contou que um puteiro perto da praça da República deixava entrar estudantes de qualquer idade. Aceitei o convite por impulso, mas fui para o vestiário pensando se ainda era possível inventar uma desculpa. Tomei banho, botei a roupa molhada num saco plástico, os cabelos em contato com o ar do início da noite, e entrei no ônibus sem saber o que diria. Tanta coisa que pode acontecer para quem é virgem aos quinze anos, uma indisposição, a minha mãe que havia pedido para eu estar em casa às oito, o dinheiro que eu poderia alegar que esqueci.

O puteiro ficava no quinto andar de um prédio sem elevador. Rock Hudson já havia morrido e corriam histórias sobre Lauro Corona e Freddie Mercury. Quem abriu a porta foi uma

senhora com traços indiáticos, que me apresentou uma senhora de traços mongóis, que me levou para o quarto e disse, pode deixar que estou acostumada. Ela tinha as unhas vermelhas e abriu a embalagem da camisinha com os dentes. Ela desenrolou a borda do látex e não segurou a ponta para o ar sair. Eu estava a dois terços, ficando mais flácido a cada segundo, e ela disse não precisa ser um bom menino, pode se servir à vontade, e eu me concentrei como podia até que fiquei pronto para subir em cima dela, a mão me guiando, uma sensibilidade que não era muito diferente da minha própria mão até que na terceira estocada senti um calor diferente e ela disse pode ser malvado agora, isto, não precisa tomar cuidado, e eu pensei não posso olhar para esta cara de mongol me pedindo para ir bem fundo, até o fim meu menino mau faz o que quiser comigo, e eu pensei não posso terminar tão rápido preciso me concentrar em outra coisa, e só depois me dei conta de que a sensibilidade aumentada se devia ao rompimento do látex e ao contato direto da pele com a mucosa e os fluidos.

Lauro Corona morreu em 1989. Freddie Mercury morreu em 1991. Em pleno Vietnã da Geração Seguinte, ficou difícil não pensar neste jogo estatístico — a porcentagem de material orgânico que pode passar por um furo na camisinha, as chances de alguém levantar da cama e ir até a pia lavar uma superfície do próprio corpo lacerada por um ato que pode ser esquecido em duas horas ou nunca mais. Mas naquela noite eu voltei para casa como os meus dois amigos: fiz o relato dos detalhes sobre a mulher mongol, o entusiasmo que era um pouco de alívio porque eu não esperava que fosse tão, assim, *natural*. Uma dúzia de estocadas, e a partir da terceira a borracha estoura e eu me torno outra pessoa, uma biografia contada em atos de bravura tão naturalmente masculinos que excluía o medo e a dúvida, até que vieram os dias seguintes — quando apareceram os sintomas da bronquite

que eu teria todo início de primavera, uma reação alérgica desencadeada pelo pólen e a poeira urbana e a temperatura da piscina da Associação Atlética Oswaldo Cruz, mas que em 1988 eram coincidências demais para serem interpretadas assim.

Eu também assistia ao *Fantástico*. Foram anos de matérias sobre milagres religiosos, fantasmas que apareciam à beira da estrada para avisar de acidentes, o sumiço do menino Carlinhos e o espião búlgaro do veneno no guarda-chuva. A casa da minha família ficava no Sumaré, em 1983 eu dormia com a luz do corredor acesa, havia um quintal escuro e cheio de árvores que gemiam enquanto Hélio Costa informava que a a-i-de-esse era mais contagiosa que a hepatite e mais implacável que a leucemia. No consultório do médico que tratou minha bronquite tantos anos depois, fiquei com medo de que ele fizesse as perguntas que aprendi naquela reportagem: você tem tido febres, suores noturnos, andou perdendo peso? Lembro do gosto de anis do Bactrim que tomei por dez dias, não gosto de anis até hoje por causa disso, lembro dos acessos de tosse e do peito chiando no escuro de um sonho ruim — o pulo e o momento em que você acende a luz para se olhar no espelho, o pavor de descobrir a verdade às três da manhã por um sinal na pele ou nas mucosas ou por gânglios inchados no pescoço e nas axilas.

5.

Episódios de dúvida nos anos que seguiram a bronquite: o dia em que voltei da praia e percebi que minha barriga estava coberta de manchas (era sol), o dia em que descobri pontos violáceos na parte lateral da cintura (eram estrias), o dia em que achei caroços ao apalpar as virilhas (era a cartilagem da região). A medicina corrigiu o tempo médio entre a contaminação e os sintomas da a-i-de-esse de dois para cinco anos, depois oito, dez e indefinidamente, a eternidade após a ida ao puteiro da praça da República e após cada outro, como se diz, *contato íntimo* que tive. Querem uma lista disso também? A primeira menina que beijei sem precisar pagar se chamava Mônica. Só eu abri a boca ao encostar meus lábios nos dela. No dia seguinte contei para meia dúzia de colegas de escola, ela ficou sabendo e nunca mais olhou na minha cara.

O nome da minha primeira namorada era Alice. Uma vez ficamos sozinhos na casa dela. No quarto havia uma colcha xadrez e uma gaveta com um frasco de lança-perfume no fundo, e eu tirei a roupa dela e não consegui botar a camisinha. Eu de

novo comecei a ficar nervoso, o efeito do lança-perfume passa rápido, e é automático quando você decide qual é a prioridade no momento. Você sente o calor do primeiro toque desprotegido. O calor se torna o que você é, não dá para pensar em outra coisa fora a sensação de estar ali. O que você sabe sobre riscos e prevenção cai num ponto cego que só volta a ser iluminado dias ou anos depois, e da hipótese da mulher mongol você passa para a hipótese Alice (com quem ela havia tido contatos íntimos, já que não era virgem?), a hipótese Adriana (dois meses juntos, eu aos dezenove, ela morando sozinha e um namorado anterior que tinha contatos íntimos sistemáticos com outras mulheres), a hipótese Giovana (que voltou para Ribeirão Preto e de quem ninguém mais teve notícia).

Não sei o número total da lista. Já li bastante sobre probabilidades de infecção — pesquisas com casais de sorologia divergente, pesquisas com quem toma remédio, com quem não toma, com quem usa espermicida, com quem é circuncidado, com quem tem lesões locais visíveis ou microscópicas, com quem já teve sífilis ou corrimento ou está com dor de garganta ou no auge da menstruação, mas qual o efeito de uma estatística populacional no caso concreto, você e uma pessoa que acaba de conhecer entrando no banheiro de um bar úmido e quente, você e sua biografia de sensualidade, quatro doses de uísque e um pouco de pó e esta mulher sorrindo com os dentes mais brancos que você já viu enquanto abre os botões da camisa, tem certeza de que trancou a porta, quero que você me coma toda, a calcinha dela e o seu orgulho de macho ao mostrar potência nos instantes em que fica tarde para lembrar que *quem ama protege?*

Depois de Giovana foram cinco namoradas mais sérias. Há casas e viagens nessas histórias. Uma noite num restaurante que não existe mais. Apelidos que nunca mais foram usados. Há roupas, fotografias, presentes, bilhetes, discussões que se resolveram

na hora ou depois ou nunca. Com cada uma foram longos períodos de contatos íntimos reiterados, que se somam aos contatos íntimos anteriores de ambos com outras pessoas, números que se somam e que no final mostram uma loteria na qual um adulto pós-1981 joga centenas ou milhares de vezes. A primeira dessas namoradas sérias se chamava Carolina. A segunda, Ana Paula. A terceira, Simone. O nome da quarta é Tereza, apelido Teca, também nascida em São Paulo, arquiteta filha de arquitetos, foi meu único casamento e nos separamos três meses atrás.